

Encontro transformante

Desafios e oportunidades da relação entre Igreja local e as migrações internacionais

Transforming meeting.
Places of access and information between the local Church
and international migrations

*Carmem Lussi**

Recebido: 31/08/18
Aprovado: 20/09/18

Resumo

O presente artigo se propõe a formular reflexões teologicopastorais sobre a relação entre sujeitos em situação de mobilidade humana e as comunidades cristãs locais, retomando os principais resultados de uma pesquisa realizada entre 2016 e 2017 no contexto italiano, elaborados na perspectiva de uma contribuição à reflexão pastoral que se interroga sobre os desafios e as oportunidades que as migrações internacionais e a presença de refugiados junto às comunidades cristãs proporcionam aos cristãos e a toda a igreja. Após breve apresentação dos conteúdos da pesquisa, o artigo conclui com um decálogo de desafios pastorais identificados através de uma abordagem das migrações como oportunidade para um encontro que transforma os atores envolvidos.

Palavras-chave: desafios pastorais, intercultura, pastoral missionária, migrantes, refugiados.

* Mestre em missiologia pela Pontifícia Universidade Urbaniana e Doutora em teologia pela PUC-Rio. Assessora do Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – CSEM, Brasília. Email: carmem.lussi@gmail.com.

Abstract

The present article also proposes reflexive theological-pastoral responses on the change of context between the people and the local Christian communities, returning to the results of a research carried out in 2016 and 2017 in the Italian context, elaborated in the perspective of a pastoral contribution questioning the challenges and opportunities of international migration and refugee presence provides to Christian communities, Christians and an entire church. The editing of the research articles, the articles concluding with a debate on pastoral issues, is an approach to migration as an opportunity for a meeting that transforms the actors involved.

Keywords: pastoral challenges, interculture, missionary pastoral, migrants, refugees.

Introdução.

Os fluxos migratórios levam pessoas e grupos para contextos locais onde comunidades cristãs vivem e convivem, tradicionalmente, entre semelhantes e, aparentemente, sem conflitos e desafios relevantes quanto às diferenças que existem entre as pessoas e suas realidades familiares, culturais e sociais. Com o tempo, as comunidades se interrogam sobre as interpelações que a chegada e a presença continuada de pessoas que nasceram e/ou receberam a fé em outros países, culturas e, muitas vezes, com idiomas diferentes apresentam para a fé e para a convivência nos contextos eclesiais e socioculturais locais, nos países de destino de fluxos migratórios.

Uma pesquisa realizada pelo CSEM – Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios,¹ em colaboração com a *Fundação Migrantes*, entidade ligada à

¹ A pesquisa de campo foi realizada na Itália entre outubro 2016 e fevereiro de 2017, com 115 entrevistas a migrantes (30%, 34 pessoas), assistentes sociais e pastorais (50%, 57 pessoas) e lideranças de várias estruturas eclesiais sobre o tema (21%, com 24 sujeitos entrevistados), em três dioceses fronteiriças: Como, Messina e Trento. Além das entrevistas também foram ouvidos especialistas de diversas realidades eclesiais italianas e foram realizados 5 seminários de restituição e análise dos dados coletados em campo. Os Seminários aconteceram em Trento, Morbegno, Como, Messina e Piacenza, entre os dias 21 e 27 de fevereiro 2017, e tiveram a participação de 90 pessoas, de diferentes realidades eclesiais e sociais. Outras informações sobre os participantes da pesquisa: 34 imigrantes de 21 nacionalidades diferentes (Tanzânia, Mali, El Salvador, Filipinas, Burkina Faso, Costa Rica, Equador, Nigéria, Gâmbia, Senegal, Camarões, Marrocos, Guiné-Bissau, Moçambique, Romênia, Síria, Albânia, Togo, Etiópia, Ucrânia, Chile). As entrevistas foram realizadas: uma em Roma, uma em Ventimiglia, 33 em Trento, 36 em Como e 44 em Messina. Destas, 76 foram feitas a homens (dos quais 51 leigos e 25 membros do clero, incluindo um bispo e dois diáconos) e 39 a mulheres. Entre os 22 padres, 14 eram párocos durante a entrevista. No que se refere às afiliações religiosas, 96 eram católicos, 11 muçulmanos, 6 ateus, um ortodoxo e um pentecostal. Os resultados da pesquisa foram publicados no volume: LUSSI, Carmem (Org.). *Incontro che transforma. Sfide e opportunità della relazione tra Chiesa italiana e le migrazioni*. Collana Quaderni Migrantes n. 11. Todi (PG): CSEM, Fondazione Migrantes e Tau Editrice, 2018. Esse artigo retoma a primeira parte do livro, que apresentou um relatório geral da pesquisa com reflexões de análise teológico-pastoral dos dados coletados. A pesquisa contou com a colaboração da Província Europeia das Irmãs Missionárias Scalabrinianas

Conferência Episcopal Italiana, escutou dezenas de pessoas que integram diferentes tipos de fluxos migratórios e uma ampla gama de atores que participam de atividades que envolvem migrantes e refugiados no contexto eclesial italiano, para entender e tentar interpretar como a Igreja local está vivendo a imigração e como a chegada e a convivência com sujeitos em situação de mobilidade humana a interpela, enriquece e desafia.

O estudo também buscou recolher reflexões e contribuições para as respostas pastorais que a realidade e o discernimento da caridade pastoral podem e devem implementar.

O contexto italiano, quando a pesquisa foi realizada, registrava e segue registrando fortes tensões sociais e políticas relativamente à entrada de imigrantes e solicitantes de proteção internacional através de fluxos não programados e até indesejados. O debate político chegou a adotar discursos e até decisões notadamente xenófobas e a criminalização das migrações se alargou para criminalizar a solidariedade e aumentar a externalização das fronteiras, no intuito de tentar parar a chegada de povos em fuga (MEZZADRA, 2005) de guerras e outras situações de risco, especialmente os que tentam entrar na Europa pelo Mediterrâneo. As comunidades cristãs não ficam isentas da influência exercida pelas informações veiculadas pela grande mídia nesse sentido e pelos processos políticos e socioculturais que o país vive.

1. Relações que transformam.

Um olhar transversal sobre os temas e as posições compartilhadas pelas pessoas que participaram da pesquisa sugere que o encontro entre a imigração e a Igreja, do ponto de vista das pessoas diretamente envolvidas em situações locais onde o fenômeno se desdobra como um desafio; é um evento que está transformando os atores e as realidades envolvidas. São movimentos humanos e sociais, espirituais e eclesiais de transformação que também podem dividir e escandalizar, mas que à luz do Evangelho estão se revelando como processos de crescimento e até de purificação. São também situações de confronto, que tocam profundamente os crentes no que se refere à qualidade da vida cristã e levam as comunidades a se comprometerem por causa da fé em Jesus Cristo e da confiança no ser humano, na lógica da encarnação (ANTHONY, 2012).

Por um lado, muitas pessoas estão levantando barricadas numa atitude de desprezo e rejeição de migrantes e refugiados ou solicitantes de refúgio, especialmente no que diz respeito aos recém-chegados, a maioria dos quais são pessoas necessitadas de proteção, por vezes em situação de vulnerabilidade e com

necessidades básicas de sobrevivência. Essas reações são motivadas e sustentadas, fundamentalmente, por preconceitos e medos, alguns enraizados em fatos isolados e circunstanciais, outros sem algum fundamento a não ser em estereótipos e ideologias xenófobas veiculadas por discursos midiáticos e racistas, que **existem no contexto local e que a chegada de migrantes e refugiados traz à tona.**

As entrevistas registraram muitas expressões de desconforto sobre a suposta inadequação da resposta eclesial aos desafios das migrações e do refúgio e, por vezes, por divergências dentro do contexto eclesial. A isto se soma uma preparação escassa, se não totalmente inexistente, de muitas instituições e de parte dos operadores sociais e pastorais para lidar com o assunto e suas complexas implicações.

Por outro lado, os entrevistados apontam que o foco está nas relações interpessoais: onde há envolvimento dos sujeitos nas relações, há transformação positiva e promissora para todos os atores. Na perspectiva da fé, os cristãos se deparam com a descoberta e o reconhecimento do fato de que na relação que envolve a pessoa está a chave para entender o que está acontecendo no momento histórico, em nível nacional e internacional, no que se refere à emersão da realidade da mobilidade humana como problema e como tema que interpela e desafia. Isso permite compreender a oportunidade de viver o evento migratório e o momento histórico de novos fluxos de entrada de pessoas e grupos provenientes de outras terras como ocasião promissora para o país e para a igreja, como *kairós*, um evento favorável da graça de Deus.

Nesse sentido, a imigração se torna um desafio que interpela e provoca, não só porque está em causa o direito a uma vida digna para todos os seres humanos, mas também por causa da lógica da encarnação, pela qual o seguimento acontece dentro de história em que as pessoas se encontram e nas relações das quais é entrelaçada a vida humana concreta de cada um. A Igreja nunca se lembrará, suficientemente, de que, de acordo com a Bíblia, o crente aprende a acolhida e a hospitalidade do próprio Deus (GASDA, 2018; CHAVES DIAS, 2018).

A imigração não é um fato isolado e circunstancial, mas um processo complexo que é transversal a muitos outros, que se alimenta de e, ao mesmo tempo, nutre redes e questões antigas e novas, por vezes problemáticas.

Os principais aspectos da relação entre migrantes e comunidades cristãs emersos na pesquisa são: a) o protagonismo dos migrantes e refugiados como prioridade imprescindível; b) as incoerências nas ações e nas atitudes de muitos cristãos em relação aos migrantes e refugiados, como um desafio intrínseco à vida cristã das comunidades locais; c) a falta ou escassez de formação e adequada informação sobre a realidade migratória e do refúgio e sobre os temas

relativos à mobilidade humana, como desafio pastoral urgente; e d) a necessidade de superar uma abordagem emergencial da temática.

O protagonismo de migrantes e refugiados como prioridade imprescindível. Dos conteúdos das entrevistas emerge a potencialidade da resiliência de que são capazes migrantes e refugiados, que se transforma em capacidade pessoal e estrutural que é contemporaneamente profundidade na compreensão dos processos ligados à mobilidade humana e, também, força e conhecimento na gestão dos desafios dos caminhos simbólicos, existenciais, socioculturais, profissionais e políticos em terra estrangeira. Sabem atingir, ao mesmo tempo, de seu passado, da riqueza que podem aprender dos nativos e da necessidade de reagir para enfrentar as dificuldades e valorizar as oportunidades da jornada migratória.

Eles são *protagonistas* no sentido literal do termo, os primeiros a se esforçarem para passar nos testes e conquistar os objetivos pelos quais vale a pena deixar suas terras e correr riscos, imprevistos e ameaças de todos os tipos. São pessoas que aprenderam a força interior da fé e a humildade da paciência que é forjada na resistência na hora da prova. O protagonismo dos migrantes, solicitantes de proteção internacional e refugiados também se apresenta como reciprocidade no dom de si e no compromisso solidário.

As incoerências nas ações e nas atitudes de muitos cristãos em relação aos migrantes e refugiados, como um desafio intrínseco à vida cristã das comunidades locais. É inegável a presença entre os cristãos, e até entre as lideranças das comunidades, de pessoas que alimentam atitudes e multiplicam palavras e gestos discriminatórios, até mesmo promovendo visões e comportamentos xenófobos contra migrantes e refugiados.

Mesmo nas comunidades e até entre migrantes que chegaram ao país há mais tempo, encontram-se expressões com formas sutis ou explícitas de discriminação e uso de estereótipos referidos à complexa realidade dos fluxos de entrada e de circulação de migrantes e refugiados no território nacional, negando ou desconhecendo a história positiva de fluxos de imigração no país. Inconsistências que, às vezes, afeta a capacidade da Igreja de levantar uma voz profética, eloquente e argumentada perante governos, instituições públicas, sociedade civil e perante a imprensa que vem criminalizando a migração ou preferindo abordagens alarmantes.

A falta ou escassez de formação e adequada informação sobre a realidade e os temas relativos às migrações internacionais e ao refúgio, representam um desafio à vivência cristã e à convivência social. Por isso são interpelações pastorais que se apresentam à igreja e aos cristãos com caráter de urgência, uma vez que a xenofobia e as formas sutis ou declaradas de rejeição e discriminação podem assumir formas agressivas e se constituírem até em ameaça contra pessoas con-

cretas. A acolhida é o mínimo que deve ser feito em face à chegada de pessoas em situação de vulnerabilidade ou até de extrema necessidade. A atenção da mídia é geralmente restrita aos fluxos recentes, especialmente aqueles que registram situações precárias de vida ou *status* migratório irregular. A informação oferecida à população é parcial, muitas vezes referindo-se de forma distorcida a problemas e processos vitais para as pessoas envolvidas. Tal escassez e parcialidade na circulação de informações requerem ações e reações que ampliem o olhar, forneçam chaves de leitura e capacitem as comunidades e as lideranças para uma abordagem de direitos humanos da temática migratória e do refúgio, com capacidade de interpretar positivamente as dificuldades e abrir caminhos para a convivência intercultural.

À falta de informação sobre a realidade real da presença multifacetada de imigrantes no território ecoa a pobreza de competência pessoal, cultural e institucional para compreender e responder aos desafios da convivência e da interação com os assuntos e as questões que a imigração e o refúgio trazem para a agenda pública, governamental ou eclesial, social ou comunitária. Muitas pessoas fazem a diferença cuidando dos relacionamentos, multiplicando encontros e administrando conflitos que a alteridade produz, na perspectiva da cultura do encontro, tanto recomendada por Papa Francisco (LUSSI, 2018).

A necessidade de superar uma abordagem emergencial da temática migratória e do refúgio. Pode-se afirmar que a maioria dos cidadãos formalmente chamados de migrantes nos relatórios com dados estatísticos, que nasceram em um país diferente daquele no qual se encontram atualmente, são pessoas que não atravessam atualmente situações de emergência ou de vulnerabilidade. Tais sujeitos colaboram e até sabem se comprometer na construção de uma realidade intercultural nos contextos locais em que vivem, pois não há alternativa para a convivência na paz entre culturas, a não ser pela interculturalidade (LUSSI, 2015, pp. 46-58).

As comunidades cristãs abertas e humanas que vivem a fé no seguimento autêntico de Jesus Cristo permeando suas relações e encontros pela mesma experiência, abraçam as situações emergenciais e não abandonam nem tomam distância dos que vivem a normalidade da luta do dia a dia em terra estrangeira, tentando se acostumar à ideia de que esta mesma terra vai se tornando terra adotiva.

No contato direto, a realidade desafia e depois envolve e emociona, porque a experiência migratória requer interação, assim como a fé. Igualmente, para migrantes e refugiados, a atitude mais proativa é a daqueles que procuram espaço nas comunidades, querem encontros, relacionamentos, aceitação humana, abertura e interação com um *tu*, com o outro como pessoa. E, nesse

compromisso, as famílias emergem como sujeitos principais. Quem, entre os nativos, experimentou contato direto com os imigrantes distancia-se de frases e atitudes de defesa e desprezo, porque descobrem que a diferença é uma riqueza e a acolhida humaniza igualmente quem acolhe e que é acolhido.

Nesse esforço, cabe um apoio particular aos jovens, porque eles são capazes de fazer muito e superar a resistência da cultura e da mídia local mais do que os adultos. De alguma forma, os jovens sabem que o futuro deles será determinado pela realidade plural, estimulante, diversificada e desafiadora do encontro entre culturas na forma da abertura de mente e de coração, assim como da interação que contagia e envolve, pois, a alternativa à intercultural é a guerra, aquela da violência explícita ou a da segregação e da xenofobia (PANNIKAR, 2006; FORNET-BETANCOURT, 2007).

Aprendemos [da experiência com a migração] a tentativa de viver um pouco mais de maneira fraterna com todos, em relacionamentos que estão em pé de igualdade, feitos de acolhida dada e recebida. O limite que temos é colocar-nos numa perspectiva daqueles que acolhem e não são acolhidos, daqueles que querem apenas acolher e não se permitem deixar-se acolher. Em vez disso, a recepção é linda quando é recíproca e em todas as direções. É quando nascem os laços fraternos, em que as coisas são ditas e em que nos consideramos iguais, mesmo que se viva uma necessidade material inicial e depois se busque alcançar autonomia, na medida do possível. A Igreja serve na medida em que consegue mudar o mundo e transformar as relações sociais entre as pessoas. O Espírito nos diz: Acorde!²

2. Desafios pastorais.

Ouvindo migrantes, refugiados, especialistas e crentes engajados em várias frentes que compõem a realidade da mobilidade humana, podemos identificar muitas ideias pastorais que a prática e a reflexão à luz do Evangelho e da convivência em comunidades locais indicam como caminhos possíveis e desejáveis.

Os desafios identificados durante a pesquisa estão aqui reunidos em dois grupos: por um lado, as interpelações que surgem do grito dos próprios migrantes e refugiados e, por outro lado, as lições aprendidas junto às comunidades cristãs que convivem com pessoas que chegaram de outras terras, mesmo

² Testemunho de Giusto Della Valle. *Relazione del dibattito al seminario realizzato a Morbegno*, 22/02/2017. A seguir as citações dos relatórios dos eventos indicarão somente cidade e data, no corpo do texto.

com a consciência que a interação ainda requer um longo caminho de aprendizagem. Assim, é possível identificar uma série de desafios pastorais que são também experiências, interpretações e estratégias de resposta.

A apresentação das propostas traz os conteúdos, os argumentos e as perspectivas colhidas ouvindo migrantes, responsáveis eclesiais e agentes que trabalham entre/para/com migrantes, refugiados e pessoas que necessitam de proteção internacional com citações de textos transcritos das gravações das entrevistas, com a reserva do anonimato dos entrevistados.

2.1. A acolhida exige reciprocidade, não pode ser somente um *dar*.

Um dos primeiros desafios que o discernimento pastoral sobre a questão migratória exige é a revisão da abordagem do tema e dos próprios sujeitos envolvidos, para passar de uma visão predominante pauperística das migrações, segundo a qual todos os migrantes seriam fundamentalmente necessitados e o serviço não seria mais que a oferta de assistência, a uma atitude de interação que coloca os sujeitos em relação e que, acima de tudo, reconhece que todos os atores são abertos, acolhedores e capazes de dar e receber, *porque nem sempre é fácil ser quem recebe a ajuda* (migrante)³.

Trata-se de descobrir o caminho da amizade e do acompanhamento daqueles que chegam, assim como daqueles que podem estar temporariamente em situação de vulnerabilidade, como uma expressão do discipulado e da dimensão missionária da vida cristã, que também pode manifestar-se sob a forma de amizade.

Em nosso grupo de atividades com os migrantes, na igreja, há uma evolução contínua na descoberta do outro. Nosso grupo [de migrantes e nativos juntos] é um instrumento que nos ajuda a construir comunidade, nos faz uma família (migrante).

A disparidade entre comunidades cristãs locais e indivíduos ou pequenos grupos de imigrantes dificulta um relacionamento construtivo e envolvente se o esforço for unidirecional. O imperativo da comunhão para os cristãos é parte da dimensão missionária intrínseca da fé, que é fortalecida quando é compartilhada e quando assume a fé e os caminhos eclesiais dos outros.

Comecei a ajudar na paróquia, lendo na igreja e agora sou catequista. Hoje me sinto parte da igreja local. Tenho imensa satisfação de ser

³ Para respeitar o anonimato dos informantes que participaram da pesquisa, as citações de falas registradas nas entrevistas são identificadas neste artigo unicamente com a informação 'migrante' ou 'autóctone', entre parêntesis no próprio texto.

catequista aqui. Não frequento a minha paróquia local, mas uma paróquia onde experimentei a acolhida (migrante).

A experiência de fé abre novas interpretações sobre as dificuldades que nativos e migrantes vivem nos caminhos de aproximação e convivência. Não é sustentável para as comunidades cristãs se relacionarem com a questão da migração apenas como se fosse um problema que as desafia a ajudar em modo emergencial. Cristãos e paróquias são chamados a envolverem-se nos temas e nas situações que desafiam a vida e o cotidiano dos migrantes e refugiados, tanto nas políticas como nas tragédias e nas conquistas dos sujeitos em situação de mobilidade que chegam à realidade local, abraçando, amando, servindo e buscando caminhos para o que a vida e a fé ensinam e requerem.

A palavra reciprocidade é crucial para explicar como a Igreja é chamada a se envolver. *A imigração é uma graça que deve ser interpretada, uma oportunidade para repensar e reconstruir a cidade e a Igreja, para repensar a própria realidade com novos atores* (Como, 23/02/2017).

[Nas comunidades], não devemos apenas fazer para os migrantes, devemos fazer com eles, envolvê-los, incentivar a sua participação no conselho pastoral, por exemplo. Se forem ajudados a participar na paróquia, gradualmente os sentiremos como irmãos e a resistência cairá (autóctone).

O contato direto e o encontro marcam caminhos humanos e espirituais, sociais e culturais que são decisivos na perspectiva da intercultural e da valorização do outro, na lógica da encarnação (FRANÇA MIRANDA, 2007).

A qualidade da ajuda dispensada aos migrantes e aos refugiados quando não trata o outro como objeto nem o humilha pode assumir o papel de trampolim para os caminhos migratórios, existenciais e espirituais de muitos migrantes e agentes, próximos ou distantes das comunidades.

Precisamos de uma abordagem que ajude os migrantes a descobrir os recursos que eles não sabiam que tinham, superando assim a ideia clássica de assistência (testemunho de autóctone).

2.2. Passagem do assistencialismo ao encontro e à escuta comum da Palavra.

Quando uma família ou comunidade acolhe ou se ativa para fazer o acompanhamento, a formação ou qualquer outra ação em favor de migrantes e refugiados, é toda a Igreja local que é tocada e, espera-se, transformada. Os

frutos da acolhida também são vistos na qualidade das relações entre migrantes e habitantes que vivem no mesmo território há muito tempo e nos resultados de que se tornam capazes os próprios migrantes e refugiados, enfrentando os desafios de seus próprios projetos migratórios. *A tarefa da Igreja é criar uma oportunidade para o encontro, envolver, colocando lado a lado nativos e migrantes* (autóctone), insistindo na cultura do encontro.

Segundo os entrevistados dessa pesquisa, é insuficiente, senão ausente, a referência constante à Palavra de Deus nas comunidades para explicar o significado da história que os diferentes atores vivem e que pode nutrir a mente, o coração e os passos. Aparece também a falta de oração feita com os migrantes na relação de confiança entre novos e velhos sujeitos da comunidade local e o medo do novo e do diferente ainda é muito forte, por preconceitos que se sobrepõem ao chamado do Senhor para encontrar Jesus no outro.

O medo aparece no encontro com os migrantes.

O migrante é apenas uma das diferenças que se apresentam hoje às comunidades cristãs. O outro é diferente, mas no outro está Jesus, devemos nos deixar transformar por este encontro. Há resistências que surgem por causa do medo, do fato de não conhecer o outro e por indiferença. Falta uma fé nova e diferente, capaz de enfrentar os desafios de um mundo em constante mudança (Como, 23/02/2017).

Quanto a Igreja local,

[ela] deve estar lá onde as pessoas estão, onde a mudança é enfrentada, onde a história acontece, onde a vida passa, mesmo quando é inconveniente. Como cristãos precisamos entender onde estamos e para onde estamos indo. A acolhida é um serviço que passa por relações interpessoais (autóctone).

O daqueles que vivem o encontro com os migrantes e refugiados como uma dimensão da vida e da fé e não simplesmente como um serviço fora de suas vidas abre horizontes de beleza e enriquecimento para os sujeitos e para as comunidades. *A acolhida é uma bela experiência. É algo novo, pelo qual vale a pena correr o risco de descobrir que acolher e abrir-se para os outros é o caminho certo* (autóctone). E quando a recepção é feita pelas famílias, gera amizades e pode mudar o modo como as comunidades paroquiais se relacionam com a questão da migração, podendo ter efeito multiplicador.

Se os desafios que a imigração representa para as comunidades cristãs são lidos e interpretados à luz da fé e da Palavra de Deus, toda a comunidade consegue se questionar sobre os significados dos processos que esta realidade põe

em movimento e pode fazer sua parte para encontrar soluções aos problemas que surgem. Assim, até os próprios migrantes e refugiados têm a oportunidade de serem atores corresponsáveis na construção de caminhos de convivência e busca de soluções para as dificuldades que podem aparecer.

O encontro com o outro amplia nossa mente e podemos criar interação com aqueles que são diferentes. Isso nos torna mais humanos e mais cristãos (autóctone).

O risco da indiferença cega à mente e ao coração, até mesmo diante do bem e das oportunidades que podem chegar às comunidades e ao país através da imigração.

Quando, no momento da assistência, uma pessoa assistida é um *tu*, e não apenas um número ou um serviço impessoal, os sujeitos são lentamente reconhecidos e se tornam parte da comunidade.

2.3. Vulnerabilidade e protagonismo como o imperativo intercultural.

Ajudar os necessitados não é suficiente. A fé e a caridade ensinam que é necessário acolher através de relações interpessoais e com humildade, a fim de beneficiar de possíveis dons de serviço e liderança que também podem vir dos migrantes, favorecendo sua formação e a participação ativa nas atividades eclesiais e socioculturais locais.

As necessidades pelas quais muitos migrantes e refugiados passam e os temores por parte dos autóctones são os dois pontos do iceberg de muitas situações de conflito onde a realidade eclesial local é desafiada pelas migrações internacionais.

A presença de pessoas em situação de vulnerabilidade nas realidades locais, como os migrantes, segundo o Evangelho, é uma graça para a Igreja. Eles nos fazem entender melhor a identidade de nosso Deus, seu modo de agir e a necessidade de todos aceitarem a vulnerabilidade como um recurso e não apenas como um problema, porque toda a comunidade se beneficia disso. Bem administradas, as necessidades relacionadas com a imigração desenvolvem energias positivas nas comunidades (autóctones).

A alteridade que as pessoas que chegam de outras terras levam para as comunidades locais pode suscitar medos e levar à rejeição de migrantes e refugiados (MARINUCCI, 2007). A superação de tais mecanismos de exclusão é um dos desafios que a Igreja local precisa saber tratar e enfrentar, não menos que na comunicação de que é capaz pelos seus canais tradicionais, assim como nas redes sociais.

Fazer circular informações corretas, falar de temas que incomodam; dar passos sem ficar condicionados por aparências e por relações mascaradas por segundos interesses são alguns dos passos esperados dos crentes, para que as pessoas, migrantes ou autóctones, não sejam abandonadas a si mesmas e que suas vidas, sua fé e as bênçãos com que o Senhor enche suas histórias transbordem para o benefício de todos e todas.

O protagonismo não exclui a vulnerabilidade (LUSSI, 2017), nem se opõe a ela. Mesmo pessoas em situação de vulnerabilidade, pessoas que conhecem pouco o idioma ou que vivem em condições precárias em termos de documentos ou que passam por processos difíceis de transformação e reelaboração de identidade podem ser portadores de conhecimento, testemunho, serviço e ensinamentos que os crentes não receberiam de outra forma. Por esta razão, é crucial favorecer uma abordagem positiva e proativa à temática migratória.

Assumir, como Igreja, o reconhecimento do protagonismo dos migrantes é, antes de tudo, uma condição da abordagem cristã do ser humano, porque pertence à lógica da encarnação que os seres humanos são importantes, que a dignidade é uma condição e um direito inalienável e que a singularidade de cada pessoa é preciosa, porque é a imagem do próprio Criador. O desafio não é a presença de migrantes e refugiados, mas a maneira como pessoas e comunidades, autoridades e instituições se relacionam a essa presença, como cidadãos e como crentes.

Como a acolhida do estrangeiro passa por relações numa Igreja intercultural, a presença de pessoas e famílias migrantes é um fermento de vida e vitalidade espiritual, eclesial, social e cultural para todos e todas. Se por um lado *as migrações podem ser a solução extrema para as pessoas reiniciarem radicalmente suas vidas longe de casa* (migrante), por outro lado elas também podem se tornar a solução extrema para fazer com que saiam de sua própria zona de conforto social e espiritual aqueles que nunca emigraram, levando-os a superar formas sutis ou explícitas de fechamento, indiferença e intolerância.

2.4. A abordagem tem que manter a complexidade própria da mobilidade humana.

É essencial pensar as migrações como um processo intrínseco à vida das comunidades cristãs e da sociedade como um todo. Não faz mais sentido tratar as migrações como um problema contingente. Precisamos de uma abordagem holística, integral e transversal.

Holística, porque é necessário considerar constantemente os muitos fatores que com-põem uma determinada situação na migração; integral, porque não è aceitável negligenciar qualquer aspecto do humano; e transversal, porque as migrações não são algo que possa ser gerenciado e entendido separando-se as diferentes disciplinas e os diferentes atores envolvidos: é preciso pensar todas as dimensões do humano e todas as pessoas em mobilidade nas mais variadas situações e idades e na complexidade da convivência social e cultural, porque é assim que se configura a fé cristã e a vida em situação de mobilidade.

A fé penetra na vida e em todas as suas articulações e instâncias, e assim é também com a experiência migratória, que marca e pode determinar todas as dimensões do humano.

Como leiga responsável, que se envolve, me questiono sobre o fato migratório. Eu acho que o que é preciso é uma abordagem personalizada para com as pessoas que chegam de outros países, mesmo que não estejam em situação de emergência. Minha experiência é de me fazer próxima, porque é próprio do cristianismo sermos abertos (autóctone).

A chegada dos migrantes e refugiados pode ser contínua e normalmente vem acompanhada de sofrimento. A primeira coisa a fazer é encarar a realidade, não fugir. A atitude daqueles que se aproximam como a algo que lhes pertence, transforma a visão e abre o caminho para o relacionamento, favorecendo atitudes que nascem da fé, de quen não se lava as mãos e nem sequer peca de presunção. A maneira como nos posicionamos diante da realidade da mobilidade humana desafia nosso modo de viver a fé.

Pode [a paróquai] ajudar os migrantes a crescerem na fé se os seus membros se encontrarem, pessoa a pessoa, tentando se conhecer, dialogando a partir da experiência de cada um com a Palavra de Deus (migrante).

A experiência nos ensina que se não pudermos alavancar os valores e a fé dos migrantes, nós os encorajamos a *colocar sua espiritualidade entre parênteses e enfrentar os desafios de sua migração sem suas bagagens, com todas as problemáticas que podem surgir. Se tirarmos de uma pessoa os valores que carrega dentro dela, a esvaziamos* (autóctone).

Onde as vulnerabilidades que os migrantes vivem são assumidas como fragilidade e toda a comunidade assume conjuntamente a busca de soluções, tornar-se

eloquente o teste-munho da Igreja local, de caridade e diálogo, que sensibiliza a sociedade. Desta forma, *o centro é levado para a periferia e a periferia se torna mais próxima de toda a comunidade* (de autóctone). Assim, apesar da complexidade dos processos mais profundos desencadeados pelos fluxos migratórios, a visão, as interpretações dos problemas e as perspectivas mudam radicalmente graças aos cristãos e à ação das instituições eclesiais, que podem fazer a diferença também social e politicamente na adoção de uma abordagem mais humana ao tema e aos sujeitos em situação de mobilidade, sem ser simplista.

[A mobilidade humana nos questiona] para fazer percursos juntos, para sair de nossa stagnação e, talvez, para descobrir vivências que nos são desconhecidas. A Igreja pode assumir a sua responsabilidade também em relação a populismos políticos que deliberadamente produzem desastres, usando o tema da migração para propósitos alheios ao bem da sociedade intercultural que a própria migração nos ajuda a construir. O que vivemos é um evento, não um problema. Uma Igreja em saída vai ao encontro, procurando por interlocução. A pastoral da mobilidade requer a mobilidade da pastoral. A Igreja deve sensibilizar e informar, nas para isso precisa de agentes preparados, pois sem preparação, não podemos ser interlocutores, não conseguimos nos tornar profecia no território, incidindo em favor dos direitos que estão sendo negados a migrantes e refugiados (MESSINA, 2017/02/25).

2.5. A chegada de migrantes e refugiados questiona a qualidade da vivência da fé.

A imigração é um campo de prova para os processos de inculturação do Evangelho na vida dos crentes de hoje, não menos do que foi o laborioso processo de difusão do cristianismo séculos atrás. A presença de pessoas que receberam a fé em outras Igrejas locais mexe com a matriz monocultural e a forma por vezes estagnada de nosso cristianismo nas comunidades locais de chegada.

É importante [a experiência ensina] envolver-se com compromisso e responsabilidade, por isso aprendemos que precisamos fazer caridade com um projeto, porque se as coisas são bem feitas, elas têm sustentabilidade. Um projeto para a paróquia deve ser pelo menos a médio ou longo prazo; isso permite e obriga o compromisso da comunidade, pensando no depois e não apenas na emergência (autóctone).

Os imigrantes são diferentes não só por nacionalidades, valores e histórias pessoais, mas também por projetos migratórios, oportunidades encontradas ao

longo do caminho e relações construtivas ou lacerantes que puderam ou tiveram que viver com as pessoas que conheceram durante o percurso migratório.

É necessário, na Igreja, ajudar os fiéis a entender o que está acontecendo e como somos corresponsáveis não só pelos que chegam, mas pela sociedade que estamos construindo juntos (autóctone).

Para nós cristãos, a imigração é uma oportunidade para a fé.

O serviço de caridade inclui relações interpessoais em que as pessoas assistidas tomam a palavra, decidem. A acolhida deve permitir que os migrantes se expressem; isso tem a ver com a sua dignidade. Não deve ser eu, a Igreja local, a exigir sua dignidade em troca de minha dedicação. Devo encontrar migrantes e refugiados, levando tradutores, se necessário, mas para ouvi-los. Devemos acolher e reabilitar, devolver a vida, não os tornar objeto. Eles devem ser capazes de tomar a palavra, de falar, e até de amaldiçoar! (autóctone).

Como a imigração não é simplesmente um problema, mas um processo histórico, e seus protagonistas não são dejetos, mas vidas corajosas e muitas vezes sofridas e sofredoras; aproximar-se dos migrantes exige muito mais do que a oferta de algo oportuno e pontual. A experiência da fé é uma vivência que penetra todas as realidades da vida da pessoa e do seu território, dos sonhos aos problemas, da tradição às coisas novas que podem surgir. É assim que uma paróquia vive seu território e assume para si a vida de seus membros, quem quer que seja mesmo aqueles que não se identificam com sua fé ou vêm de outros povos e culturas.

Não se trata de escolher a estratégia de um *bonismo*⁴ que nega os problemas, porque a interação com os diferentes, mesmo quando não se trata de imigrantes, é sempre cansativa e complicada. A sociedade espera ver o elemento característico das comunidades cristãs no que diz respeito ao modo como vivem e interagem com migrantes e refugiados.

Muitas pessoas trazem fé e religião como uma bagagem de vida, onde quer que vão. Ser capaz de acolher e valorizar essa bagagem, será um grande trunfo para o futuro. A imigração nos força a fazer uma escolha agora, porque os imigrantes e refugiados serão obrigatoriamente parte do futuro deste país. Não há outro caminho (migrante).

⁴ O termo é um neologismo derivado da palavra bom, para indicar, no contexto italiano, uma atitude de membros da igreja que aparentemente se inspira na acolhida aos migrantes e solicitantes de refúgio, mas que é entendida pela crítica da reflexão sociopastoral como não apropriada, por não ser criteriosa no discernimento quanto às reais dificuldades e as exigências que a acolhida comporta, seja por parte da comunidade local que dos próprios sujeitos acolhidos.

Além do que a Igreja recebe para sua vida, através da imigração, está o seu *sim* a Deus diante do chamado que os migrantes lhe dirigem e que é também um *sim* ao mundo, pois assim a Igreja se torna uma ponte para uma sociedade e um futuro que surge das relações de hoje, fruto da aceitação ou da rejeição que estão sendo semeadas atualmente.

2.6. Necessidade de fazer leitura teológica e espiritual do evento migratório.

Não basta dizer não às migrações, precisamos falar sobre as questões que não sabemos responder e sobre as respostas que talvez não queiramos dar por causa de medos e perplexidades.

Precisamos [como ponto de partida] que alguém nos ajude a entender periodicamente os fluxos e para onde estão indo (autóctone).

Conhecer a realidade com informações corretas e dados estatísticos de fontes confiáveis é uma premissa que pode abrir caminhos, no âmbito eclesial e, também, na sociedade em geral.

Para o conhecimento inteligente e aberto dos fatos que constituem a realidade migratória, é necessário realizar um esforço de reflexão sobre o significado dos processos que a mobilidade humana encerra. Há questões que as migrações e o refúgio colocam na mesa dos conselhos pastorais e das cúrias que vão muito além da chegada dos estrangeiros e têm a ver com a dimensão histórica e política da vida cristã, com as repercussões culturais que o ser crente impõe a todos e também com o uso que a instituição eclesial faz dos bens e de seus recursos humanos.

As migrações nos lembram de que a missionariedade é a pedra angular em torno da qual deve girar tudo o que se escolhe para a paróquia. Os migrantes entram em uma igreja local como qualquer outra nova realidade (autóctone).

É preocupante que as pessoas confrontadas com os desafios da migração, se fechem sobre si mesmas e seus mundos, se dizendo preocupadas *antes de tudo* de *nostros* pobres, como se houvesse pessoas com maior dignidade, para serem tratadas e outras com dignidade inferior, que podem ser negligenciadas. O que emerge, assim, é a necessidade de poder contar com uma comunidade cristã que disponha da diversidade de dons, na qual também existam os carismas que o Senhor concede à sua Igreja para compreender o sentido da mobilidade humana, ouvindo a Palavra e os ensinamentos da Igreja, em oração e com estudo.

A Igreja poderia e deveria oferecer chaves interpretativas para compreender os fenômenos relacionados à mobilidade humana. Uma abordagem humilde e dialógica das migrações e a interação entre aqueles que se relacionam com o tema pode ajudar uma realidade local a não se perder no tema e a não perder de vista sua dimensão humana, o que é premissa e abre caminhos tanto para o espírito missionário dos cristãos como para a responsabilidade da gestão pública sobre o tema.

O momento de crise sobre a questão migratória e a busca por refúgio pode ser um momento favorável. Pensar sobre a imigração e seu significado no momento histórico é pensar a identidade do cristianismo e os caminhos de uma fé que pode se reinventar.

A imigração desafia a Igreja sobre o modo como os cristãos participam, ou não, das situações de dor e miséria em que vivem as pessoas ao seu redor. Fazer algo por causa de situações de emergência, ainda não significa necessariamente estar envolvido na lógica do amor que se dá e dá vida. É preciso refletir sobre o assunto, com muita oração e escuta. E é preciso igualmente ajudar dioceses e comunidades a ler as migrações e o refúgio como um sinal dos tempos, para superar as interpretações ideológicas da grande imprensa, muitas vezes manipuladoras e/ou manipuladas por interesses políticos. Além de fazer algo pelo migrante cabe lembrar que junto e por causa das migrações e dos refugiados, há que se repensar também a comunidade *ad intra*.

2.7. Formação e informação.

A Igreja é chamada a ocupar mais espaço nos canais de comunicação para ecoar a voz dos migrantes e daqueles que, com eles e para eles, estão empenhados em servir e conduzir processos de convivência intercultural e missionária.

Do ponto de vista eclesial, a migração é uma oportunidade, porque os migrantes nos desafiam e nos dão a oportunidade de avaliar a realidade e a temática migratória com uma visão diferente daquela feita pela grande mídia. Se as pessoas e as igrejas se aproximarem diretamente aos sujeitos em situação de mobilidade, a visão que terão sobre o tema, muda decididamente (autóctone).

Mas para que isso aconteça, as comunidades devem estar dispostas a percorrer a estrada juntos, devem ser capazes de assumir essa questão como um assunto que lhe diz respeito diretamente.

Outro desafio que se apresenta às dioceses é a formação. Faltam percursos de formação e comunicação das experiências exitosas de convivência, de boas

práticas e igualmente de estratégias de incidência no plano cultural (autóctone). Não podemos simplesmente confiar na boa vontade, porque a falta de competência, combinada com situações de pressão e tensão superiores à capacidade de inteligência e gestão, pode pesar nas pessoas e produzir efeitos perversos, que se voltam contra os processos de tímida abertura que existem em muitas realidades locais. Informações, formação e conhecimento do outro são essenciais para entender o fenômeno migratório, a busca por proteção e temas afins, e para responder apropriadamente.

Se para uma comunidade cristã os migrantes são apenas pessoas pobres a ajudar, uma vez que a emergência tenha passado, eles não têm outra sorte que desaparecer. Se em vez disso, migrantes e refugiados são a emergência de uma alteridade, *pessoas diferentes de nós com quem nos relacionamos e, então, o relacionamento nascerá, se desenvolverá com o tempo e fará parte de nós* (de autóctone). A presença do outro é sempre uma fonte de provocação para melhor entender a fé e vivê-la. Nesta tarefa, as comunidades, por sua vez, precisam de ajuda para lidar melhor com as dificuldades que enfrentam no cumprimento dessa missão.

A tarefa tem muitas diferentes nuances.

Não é suficiente oferecer apenas um testemunho no momento da emergência humanitária, precisamos de um testemunho cristão antes, durante e depois da emergência. Não é suficiente cuidar dos feridos, devemos parar aqueles que ferem. Devemos ser capazes de enfrentar motivações sérias; por um lado, dialogar até mesmo com os que preferem o *bonismo* e, por outro lado, elaborar os conflitos e reconhecer a diversidade emergente ou latente. A comunidade deve ser ajudada a ter conhecimento e consciência da situação. Isso ajuda a evitar divisões (autóctone).

A formação e a comunicação, além de assegurarem mensagens e canais para chegar à sociedade sobre os temas relacionados com a mobilidade humana, não podem renunciar ao esforço de alcançar os próprios sujeitos migrantes e refugiados, considerar seus sofrimentos, abraçar seus anseios e incluir sua visão de vida, da Igreja e da sociedade. Faltam as falas dos próprios sujeitos dos fluxos, nos discursos e escritos que referem sobre o tema.

Devemos perceber que há um *sofrimento de migrantes que não se sentem acolhidos e não conseguem se sentir parte das paróquias onde vivem. As condições de trabalho, ao mesmo tempo, não os favorecem* (autóctone). Entretanto, eles são sujeitos e não apenas objetos de ações e informações.

2.8. É necessária maior autocritica, como igreja e como crentes.

Superar as dificuldades no encontro entre migrantes e a Igreja local é tarefa a ser realizada em conjunto com autóctones e migrantes e refugiados solicitantes de refúgio; cada um contribuindo com o que puder em caminhos comuns. Não é um imperativo voltado apenas aos autóctones, nem é algo que as pessoas em situação de mobilidade poderiam fazer sem o envolvimento direto das comunidades onde eles se encontram.

Além da escuta, o discernimento recomenda falar com humildade sobre os passos que se dá ou o que se tenta fazer, para repensar os modelos onde algo é feito, de modo que a ação tenha a pessoa no centro em sentido integral e não apenas sua necessidade mais evidente, como podem ser a fome ou o frio.

As duas reações mais conhecidas em contextos eclesiais em relação às migrações internacionais - a rejeição e o *bonismo* - são expressões de posições estereotipadas, com pouca ou nenhuma relação com a leitura de fatos concretos do contexto e dos dados estatísticos. A autocritica da Igreja aparece especialmente quando a liderança católica se coloca em diálogo e faz leituras sábias, abrindo-se ao diálogo com os vários atores que vivem e interagem diretamente com os migrantes e refugiados no território. Isso mobiliza toda a comunidade.

O conhecimento da realidade que vem através da convivência é transformador. A pesquisa constatou que em muitas paróquias um espaço propício para o encontro possível entre os migrantes e a comunidade cristã local pode ser a catequese da iniciação cristã.

Os estrangeiros que mais nos interpelam são os filhos dos migrantes que estão na catequese. Precisamos reinventar uma catequese mais atenta aos pais, muitos dos quais são novos na paróquia. Seria bom lembrar e valorizar suas histórias de fé e experiência eclesial. Suas dificuldades com o nosso idioma são algo que não podemos ignorar (autóctone).

O cerne da questão crítica para a Igreja perante a migração é a maturidade cristã. Segundo dados da pesquisa a reflexão autocrítica pode ser motor de transformação para muitos. Uma jovem crente e comprometida entre/para/ com migrantes em situação de vulnerabilidade assim formula sua interpretação dos desafios postos à Igreja pela presença de migrantes e refugiados:

Eu me pergunto: qual é a revolução que acontece em sua vida de irmão/irmã quando você entra em contato com migrantes e outras pessoas que buscam proteção e vida através de movimentos migratórios e passam por alguma situação de vulnerabilidade? Isto é o que eu esperaria da Igreja!

Como Igreja, *devemos ser capazes de uma atenção pastoral voltada à integração. As famílias de hoje têm inúmeras dificuldades, mas também muito potencial, são capazes de acolher a riqueza da alteridade* (autóctone). É crucial descobrir modos para que as famílias cristãs assumam sua parte nessa missão.

A relação entre fé, vida e qualidade da liturgia, ligada à realidade de quem a vive, não é um tema especificamente *migratório*, mas a migração também interpela as comunidades sobre esse aspecto.

Falta [consenso] uma reflexão sobre a Igreja e os ministérios relacionada à capacidade de aprender e a deixar-se formar pelos encontros com experiências e pessoas diferentes e novas no contexto local. Questionar os nossos modos de ver, compreender e interpretar ajuda a abrir mentes e corações. Aprender a aprender com os outros e acima de tudo aprender a não impor aos outros e, a saber, valorizar outras formas de viver e de manifestar a fé é o desafio e a promessa que as migrações favorecem. Aprender e olhar para o outro lado da moeda é essencial para compreender a riqueza que os imigrantes trazem para a comunidade cristã que acolhe (Piacenza, 27/02/2017).

2.9. Necessidade de escuta e apoio às comunidades.

Às comunidades cristãs e aos crentes é confiada a tarefa de se tornarem uma ‘ponte’ entre os migrantes e a sociedade local, favorecendo uma aproximação mútua. Isso significa que não podemos realizar avanços no caminho sem assumir migração, mobilidade e itinerância como paradigmas estruturantes da Igreja, em todas as suas dimensões. Neste processo, que é, antes de tudo e, sobretudo, uma maneira de compreender a oportunidade de crescimento oferecida pelas migrações às comunidades cristãs e à Igreja como um todo, fazer-se próximo e praticar a solidariedade são prioridades imprescindíveis.

Ninguém pode se isentar do movimento antropológico e cristão da abertura mental e espiritual de fazer-se irmão ou irmã, porque a fé torna todos responsáveis perante todos, independentemente da origem linguística, étnica ou nacional de cada um/uma.

As comunidades cristãs que se abrem às realidades do seu território, também estão abertas aos migrantes e aos refugiados.

As migrações estão revelando uma necessidade radical de revisão da vida cristã. Há uma falta de vida comunitária onde haja de fato relações entre as pessoas. Precisamos descobrir novos caminhos, e não apenas para encontrar agentes dispostos a se comprometer com a temática migratória. A abertura para o encontro deve ser recíproca e não deve ser

simplesmente uma assistência, porque se a relação é finalizada unicamente à ajuda assistencial, o outro se sente inferior e não se cria um clima adequado para a acolhida que protege e regenera a vida. A acolhida amorosa do outro, ou existe para com todos ou não existe (autóctone).

Se a abertura para o encontro não for recíproca ou é simplesmente uma assistência, se a ajuda dispensada é a única razão da proximidade, o outro se sente inferior e não surge um clima adequado para a acolhida que permita a comunhão. *A acolhida, ou existe para todos e todas, ou não existe para ninguém de fato* (autóctone).

Há muitas dúvidas sobre as motivações das migrações e isso gera suspeitas e malentendidos que não favorecem a acolhida, a misericórdia e a comunhão na diversidade, conforme o espírito de pentecostes.

Para a minha fé, a experiência de contato com os migrantes me ensinou a confiança na Providência, a capacidade de deixar minhas certezas para saber recomeçar e me mostrou algo do frescor da fé, que deveria ser melhor valorizado, criando mais oportunidades de encontro (autóctone).

A voz de uma jovem cristã, que faz parte da paróquia local e abraça causas e sonhos dos migrantes do seu território, é estimulante.

Estamos acostumados a ter a terra sob nossos pés e a chegada dos migrantes mexe com nossas seguranças e ainda não estamos prontos para esse choque. Nós os chamamos de ‘problemas’, mas eles são pessoas. A realidade das migrações e a minha experiência pessoal com as crianças migrantes que conheci mudaram-me, mudaram a minha abordagem à fé e a minha paciência. Eles me mudam (autóctone).

[O desafio é] encontrar, em conjunto com os migrantes, um caminho comum para percorrer, em que autóctones e migrantes se sintam sujeitos ativos. Precisamos permitir-nos de converter-nos mutuamente, permitir-nos ser mutuamente enriquecidos. Por esta razão, é preciso libertar-se dos preconceitos que cada pessoa corre o risco de carregar consigo (Piacenza, 27/02/2017).

2.10. Repensar o cristianismo perante a atual governância das migrações.

Atuar com firmeza diante de situações de violações de direitos humanos no próprio território e esforçar-se para conscientizar e monitorar todos os atores para que não ocorram novas violações é parte integrante da tarefa que a dimen-

são histórica e missionária da fé tem a realizar para com os sujeitos em situação de mobilidade.

Entre os muitos desafios que a mobilidade humana apresenta à Igreja está o apelo aos credentes e às instituições eclesiais para que façam sua parte, tanto no nível macroestrutural, nos processos de decisões políticas, nas eleições, quanto nas demandas administrativas municipais, para que a vida e a dignidade dos migrantes, refugiados, fronteiriços, *desplazados*, solicitantes de refúgio e suas famílias sejam respeitadas e protegidas. Essa tarefa deve poder incidir sobre a versão do fenômeno migratório em geral e das migrações forçadas, em particular, que é mediado para a população, porque a criminalização da migração e a rejeição de migrantes e refugiados também são encontradas entre cristãos e líderes comunitários.

O compromisso da Igreja para com as situações emergências é um sinal importante e um ponto de referência.

A voz do Papa Francisco indicou o caminho a seguir e muitos tiveram a coragem de desempenhar o seu papel. A Igreja é chamada a ser o sal da terra e a luz do mundo na sociedade, ajudando aqueles que se opõem à migração a compreender as contradições de certas posições racistas e xenófobas (autóctone).

Ainda se faz necessário superar a idéia das migrações como um problema contingente a ser resolvido, porque não o são, e adotar a visão das migrações como fato histórico, estrutural, com o qual se confrontar e crescer, tanto na Igreja quanto na sociedade. A acolhida da fé pede relações interpessoais, e oferece continuidade no acompanhamento, partilha de vida e de sentido da vida, e, também, da fé, assim como a reciprocidade no amor que se dá.

É fundamental [na Igreja] ajudar a encontrar as razões profundas para a acolhida, para não desistir das dificuldades que existem ou que podem surgir. Precisamos acompanhar e apoiar aqueles que buscam, tentam, se comprometem a responder aos desafios relacionados com as migrações para que sejam fortes, atuem na inteligência do amor e saibam perseverar (autoctone).

Ao invés de concluir.

Ao invés de conclusões, questões abertas. Estas reflexões demandam tempo e sabedoria na busca humilde e ousada por significados, perspectivas a partir de contextos concretos e novos passos. A escuta da experiência espiritual daqueles que vivenciaram o evento migratório ou daqueles que se deixaram transformar

pelo encontro com migrantes e refugiados é uma dádiva com a qual o Senhor enriquece a sua Igreja, mas somente aqueles que conseguem dar lugar a essa escuta saem enriquecidos pela irrupção das migrações em seu próprio contexto.

O encontro com o outro é sempre uma riqueza e tem o poder de promover aceitação, amor e até mesmo misericórdia para com aqueles que representam a alteridade, não menos que para dentro da comunidade.

Precisamos [para as migrações] de uma resposta que nos faça levar mais a sério nossas responsabilidades. Se nos permitirmos guiar pela ação do Espírito, construiremos uma comunidade de homens e mulheres na qual a diversidade trazida pelas migrações exprime a diversidade da fé. Então, construiremos uma Igreja que se tornará fermento e profecia na comunidade cristã e na sociedade. A acolhida do estrangeiro é o centro de toda a Bíblia. A Igreja deveria ser mais profética (Piacenza, 27/02/2017).

Referências bibliográficas.

- ANTHONY, F-V. Desenraizamento e acolhida: fundamentos para uma pastoral migratória. In REMHU, v. 38. Brasília: CSEM, 2012, p. 203 e pp. 195-212.
- CHAVES DIAS, E. Bíblia e pastoral da mobilidade humana. In LUSSI, C. e MARINUCCI, R. (Orgs.). *Migrações, refúgio e comunidade cristã. Reflexões pastorais para a formação de agentes*. Brasília-São Paulo: CSEM-Paulus, 2018, pp. 61-76.
- FRANÇA MIRANDA, M. A migração como desafio à fé cristã. In REMHU, v. 28. Brasília: CSEM, 2007, pp. 197-210.
- FORNET-BETANCOURT, R. *Religião e interculturalidade*. São Leopoldo: Sinodal / Harmonia, 2007.
- GASDA, E. E. O estrangeiro na bíblia e na comunidade cristã. In LUSSI, C. e MARINUCCI, R. (Orgs.). *Migrações, refúgio e comunidade cristã. Reflexões pastorais para a formação de agentes*. Brasília-São Paulo: CSEM-Paulos, 2018, pp. 51-60.
- LUSSI, C. *Migrações e alteridade na comunidade cristã. Ensaio de teologia da mobilidade humana*. Brasília: CSEM, 2015.
- LUSSI, C. *Vulnerabilidade*. In CAVALCANTI, L.; BOTEAGA, T.; TONHATI, T. e ARAÚJO, D. (Orgs.). *Dicionário crítico de migrações internacionais*. Brasília: Editora UnB, 2017, pp.726-732.
- LUSSI, C. *Para Francisco e os refugiados*. São Leopoldo: IUH – Unisinos, 2018. *No prelo*.
- MARINUCCI, R. Religião, alteridade e migrações. A estrangeiridade como caminho de encontro. In REMHU, v. 15, n. 28, 2007, pp. 87-105.
- MEZZADRA, S. *Derecho de fuga Migraciones, ciudadanía y globalización*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2005.
- PANNIKAR, R. *Pace e interculturalità*. Milano: Jaca Book, 2006.